SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO I – Maio-Junho de 1957 — N.os 9-10

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

CULTURA

A educação do indivíduo não está terminada nunca. « Aprender até morrer » é um afurismo tão popular como certo.

Ela começa nos primeiros anos da vida e tem períodos bem distintos mas que se sucedem sem descontinuidade.

O mais importante é o que se segue à adolescência. Então, na proximidade dos vinte e nos vinte e tal anos, o indivíduo está no apogeu das suas energias físicas e mentais. Tem liberdade e auto-determinação. O papel principal que até aí fora desempenhado pelos pais e pelos professores, é substituido pela orientação marcada de si para si. Passada a época própria das criancices, é responsável pelos seus passos E se estes não são dirigidos afoitamente para um «ser amanhã melhor», um dia lamentará ter malgasto o tempo dos «melhores anos da nossa vida».

Sejam quais forem os seus antecedentes, o homem jóvem tem de convencer-se que o futuro depende essencialmente de si, da maneira como o preparar. E não pode furtar-se depois à responsabilidade de uma estagnação que se tenta justificar dizendo: «já era tarde !».

Não é tarde nem é cedo! Em qualquer idade é altura de dirigir esforços para aumentar o valor próprio.

Se, ao fim de cada ano e mesmo de cada dia que passa, o «balanço» desse período não acusar um «saldo positivo» marcando uma ascensão e preparativos de melhoramentos futuros, só um abúlico desinteressado de si próprio não se lastimará.

O que acabamos de dizer — melhorar o valor pessoal — refere-se à educação no sentido nato: desde o fortalecimento da correcção de sentimentos e desde a polidez de costumes até ao incremento da cultura.

A respeito desta, em qualquer sector da vida exige-se hoje do indivíduo uma cada vez maior bagagem de conhecimentos de carácter profissional e de cultura geral.

Por isso não basta preparar-se exclusivamente para uma carreira, saber apenas do seu ofício. Aquele que não poder apresentar como credenciais mais que um qualquer diploma, dificilmente terá êxito duradouro.

A necessidade do desenvolvimento da cultura — assim como das outras faculdades pessoais — manifesta-se tanto mais imperiosamente quanto maior for o grau de convívio humano dentro do sector considerado.

A vida militar é certamente uma das actividades que mais fundamentalmente impõem a necessidade da cultura, especialmente nos graduados.

O soldado é, antes de tudo, um Homem. E ao preparar-se para a sua missão especializada não olvidará o enriquecimento do seu valor humano.

Tudo o que dissemos acima aplica-se-lhe directamente. Se ele só se preocupa com a actividade profissional, será um homem de vistas curtas que, retirado do ambiente militar, se revelará elemento de insuficiente valia.

E se o militar considerado, é um graduado ou mesmo um simples soldado, que se orgulha de algo distinto, a «classe» que os seus galões, divisas ou outros distintivos fazem supor, terá de ser confirmada pela sua cultura, pela sua personalidade, pelas suas qualidades globais.

O prestígio que gozará entre superiores, iguais e inferiores, no meio militar e fora dele, será baseado na sua conduta, naquilo que realmente é, e não no que parece ser. Esse prestígio — o verdadeiro, fundamentado no valor real e não nas aparências do

(*Continua na página* 3)

Dia do Batalhão de Caçadores Paraquedistas

23 de Maio

Embora nada tenha havido que nos fizesse recordar esta data, não deixamos de lhe fazer referência, pois ela marca concretamente, o início do nosso labor.

Foi em 23 de Maio transacto, que passou o 1.º aniversário do Batalhão de Caçadores Paraquedistas. Em igual data do ano anterior, Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Aeronáutica, acompanhado de diversas individualidades, inaugurou solenemente, as nossas instalações.

Podemos afirmar, que nessa data, concluiu-se também o 1.º ano sobre as nossas actividades. *Não teremos feito o que desejariam de nós, mas também não fizemos o que nós desejaríamos.*

O tempo foi pouco. O trabalho foi muito. Não pudemos adquirir galardões, nem demonstrar do que somos capazes. Todavia, no pouco que nos foi dado fazer, mantivemos pelo menos, a força de vontade do que queremos ser amanhã. É pouco, sabemo-lo de sobejo. Porém, que mais poderá fazer uma ave, nos seus primeiros vôos, senão passar duns pequenos esvoaços?!...

Transcrevemos seguidamente, dois louvores dirigidos ao nosso Batalhão, um pelo Senhor Ministro da Defesa Nacional, outro pelo Senhor Subsecretário de Estado da Aeronáutica:

Louvados os Oficiais, Sargentos e Praças que constituem a primeira formação das tropas paraquedistas nacionais, por, durante o período de instrução que receberam no estrangeiro, terem patenteado uma elevada noção de brio e disciplina militar, grande desembaraço e uma apaixonada dedicação pela especialidade, mostrando-se em tudo dignos representantes das Forças Armadas portuguesas fora do país pelo que deixaram a melhor das impressões nas respectivas autoridades e noutros elementos militares estrangeiros com quem estabeleceram relações, bem como nas autoridades e populações civis locais. Regista-se igualmente a altivez com que o referido pessoal tomou parte no desfile de tropas realizado em Lisboa no passado dia 14 de Agosto, confirmando a indicação de que o seu exemplo constitui um forte estímulo para o futuro pessoal paraquedista e mesmo para todos os elementos das nossas Forças Armadas.

* * *

Louvados os Oficiais, Sargentos e Praças do Batalhão de Caçadores Paraquedistas, porque, em todas as demostrações efectuadas e entre as quais se distingue a que teve lugar no Aeroporto da Portela no Dia das Forças Aéreas, se têm sempre havido pela forma mais brilhante, quer saltando ousadamente, por vezes em condições especialmente duras, quer desfilando com aprumo inexcedível, factos que, além de demonstrarem o elevado nível atingido pelo Batalhão de Caçadores Paraquedistas, constituem notável exemplo para todas as Forças Armadas e justificado orgulho para as Forças Aéreas.

Honram-nos estas distinções. Servir-nos-ão de incentivo no caminho a percorrer, o qual sabemos ser duro e difícil. Só com valor, conseguiremos adquirir outras iguais.

Somos por enquanto, um pequeno conjunto de homens e de sentires. Contudo, este pequeno agrupamento, terá que demonstrar firmemente, «*que somos uma força e como tal teremos de ser considerados*».

Claudino Ferreira

MÊDO

Tremes, Carcassa!
Muito mais tremerias se soubesses onde te vou levar.

Marechal Turenne

Se a bravura é uma qualidade que desconhece o mêdo, nunca vi um bravo. Todos os homens têm mêdo. Quanto mais inteligentes são, mais mêdo têm. Corajoso é o homem que, apesar do seu mêdo, se obriga a ir avante.

General Patton

Quem já alguma vez esteve em situação de duvidar do total êxito da acção que vai cometer, sabe o que é mêdo.

Nenhum homem deixou de assustar-se alguma vez. E aquele que tem vivido realmente, muitas vezes terá sentido o mêdo.

Das suas várias formas, a mais vulgarmente sensível manifesta-se quando nos encontramos perante um obstáculo material que ameaça produzir-nos a morte ou ferimentos.

O mêdo é natural e útil. Provoca o chamamento de todas as energias potenciais de que dispomos.

Tem uma explicação fisiológica: o cérebro, tendo a noção do perigo, por intermédio da hipófise comanda às glândulas supra-renais uma maior secreção de adrenalina que vai estimular todos os órgãos; o coração acelera a pulsação, aumenta a corrente sanguínea que alimenta o cérebro e os músculos; o ritmo respiratório acelera-se também; as pupilas dilatam-se permitindo melhor visão; reduz-se a sensibilidade à dor; diminue o tempo de coagulação do sangue; o sistema nervoso tem reacções mais rápidas e enérgicas.

Enquanto se mantém o estado de espectativa que caracteriza o mêdo pròpriamente dito, podem observar-se outras manifestações exteriores: transpiração nas palmas das mãos e geral sem justificação; ligeiro enjôo; face lívida; garganta sêca; nervosismo que faz desejar não estar quieto, fazer qualquer coisa e origina até, nos menos controlados, tremores e desejos de urinar.

Uma vez que se inicia a acção, a consciência da luta pela sobrevivência e pelo êxito sobrepõe-se a todos os outros pensamentos. Cada órgão do corpo dá o máximo das suas energias, ultrapassando os limites do que normalmente consideramos possível.

O instinto de conservação do indivíduo manifesta-se como o impulso mais forte de qualquer animal.

Correntemente, os estados de mêdo e suas reacções apresentam-se em grau variável segundo a consciência dum perigo maior ou menor. Esse grau pode avaliar-se pela alegria do triunfo manifestado pelo indivíduo que o dominou.

Parte do que temos dito é observável no homem que salta em paraquedas.

Horas antes do salto, especialmente se é o primeiro ou diferente dos já conhecidos, a espectativa, a dúvida do que se irá passar, o imaginá-lo com preocupação, são formas de mêdo.

Quando se aproxima o momento de saltar, sente-se com mais intensidade e é altura de controlá-lo, dominá-lo; transforma-se em preparativo para a acção.

O homem de ânimo forte tem o mêdo que lhe dá consciência de que a situação é de certo modo grave, que necessita da sua energia para a vencer. Sabe e confessa que tem mêdo mas não se deixa dominar e tem confiança na sua capacidade para tudo sobrepassar.

Há que notar que o indivíduo tem de vencer as dificuldades exteriores e vencer-se a si mesmo. Muitas vezes, senão geralmente, este vencer-se a si mesmo é o mais custoso. E é-o porque o instinto de conservação manifesta-se permanentemente e, quando não acostumado a submeter-se à vontade, tem poder absoluto.

Há que respeitar e aproveitar essa manifestação instintiva até ao ponto que é útil e razoável. O que sucede em geral é que os perigos são imaginados maiores do que realmente são; então é necessário que a Razão esclareça a Vontade e esta domine o Instinto.

Os que já saltaram em paraquedas sabem que um homem normalmente dotado pode fazê-lo. O que falta aos que se confessam incapazes de tentá-lo é precisamente uma vontade ainda mais forte que a viva repulsa instintiva pelo acto de afastar o corpo de qualquer apoio.

A alguns, talvez falte também o espírito do «atirado para a frente» que lhes permite lançar-se em empresas nas quais sabe haver certa probabilidade de sair atingido na sua integridade física.

Repulsa instintiva e risco real são motivos de mêdo.

Dominá-los é ter valor.

por *S. Cunha*

Paraquedismo não é loucura

Depois de ter tomado contacto com o meio paraquedista, foi-me dada ocasião de verificar que ideias erradas vagueiam por esse mundo de gentes que se têm na conta de bem pensar acerca de todos os problemas que surgem na roda acelarada da vida.

Ora, como as forças das circunstâncias me levaram a conhecer de perto o paraquedismo militar posso dizer alguma coisa daquilo que aprendi e procurei observar.

Paraquedismo não é loucura mas sim generosidade. É uma escola cheia de requinte que forja a vontade do indivíduo que se propõe servir um nobre ideal, a Pátria.

Não é uma aventura mas sim uma certeza de bem servir porque para tal segue uma doutrina que lhe dá experiência, saber e método. A disciplina, a agilidade de acção e o exercício físico são atributos inteligentemente exigidos e constituem o grande segredo da formação do paraquedista.

Evidentemente que o indivíduo, aluno de uma Escola desta classe, adquire uma generosidade quasi sem limites e sabe ter uma atitude decidida diante de uma acção que a todos nós se nos afigura muito perigosa — lançar-se em paraquedas.

O perigo existe como em muitas das coisas da nossa vida mas está tanto mais diminuido quanto maior a presença de espírito e sangue frio, qualidades que foram cultivadas através de um curso que forma o espírito de um jóvem cheio de vida e entusiasmo.

Ora quando tudo isso se verifica, não pode de maneira alguma chamar-se loucura ao exercício de uma técnica que a Pátria necessita na guerra e pode precisar na paz.

Ten. Capelão *Silva Martins*

Paraquedismo Desportivo

Recordes internacionais homologados pela Federação Aeronáutica Internacional em 1957.

Saltos efectuados em Abril no Aeródromo de Pachina (URSS).

— Precisão em grupo de 3, abertura instantânea, dos 600 m.: Domitrov, Kossinov, Pekline (URSS) — média das distâncias: 1,68 m.
— Precisão em grupo de 3, abertura retardada, dos 600 m.: os mesmos — média das distâncias: 6,55 m.
— Precisão em grupo de 3, abertura retarda, dos 1.500 m.: Moukina, Priakhina, Seliverstova (URSS) — média das distâncias: 7,07 m.
— Precisão em grupo de 5, abertura retardada, dos 1.500 m.: as mesmas e Malnikova e Piassetskaja — média das distâncias: 17,49 m.
— Precisão individual, abertura retardada, dos 600 m.: Priakhina — distância: 8 m. (Récord feminino).

NOTICIÁRIO

Festival Aeronáutico em Moçambique

O Aéro Clube da Beira (Moçambique) organizou recentemente um festival Aeronáutico em que tomaram também parte dois paraquedistas do «JOHANNESBURG PARACHUTE CLUB» que efectuaram dois saltos de abertura manual, a partir dos 700 e 1.200 metros.

Foi a primeira vez que na Beira se assistiu a saltos em paraquedas.

— É pena que em Portugal o paraquedismo continue tão pouco conhecido.

Escuela Militar de Paracaidistas

— Realizou-se ultimamente um «Curso de Aperturas Manuales» e um grupo de instrutores da «Escuela» está executando progressivamente saltos de abertura manual com vista a seleccionar uma equipe para competições desportivas

* * *

Tua vida é tua grande riquesa e dispões inteiramente dela. Teu orgulho será estar sempre disposto a entregá-la ao serviço da Pátria, com o convencimento de que se chegas a perde-la terás dado algo que não tem preço, e que sòmente os homens que o são na verdade, podem fazê-lo.

O REGRESSO

de *Lucien Boyer*

Adaptação livre do Cap. Inf.ª J. M. Galhardo

Tinha acabado a guerra, e Deus, lá nas alturas,
Cercado de astros de oiro e pulcros querubins,
Ouviu sons marciais; fanfarras e clarins,
E um ardente vozear de humanas criaturas.
— «Que rumor — perguntou — perturba assim o ar?»
— «Senhor — lhe diz alguém da corte celestial —
Os bravos vencedores da guerra mundial,
Sob o arco do triunfo, estão a desfilar.»
Na célica mansão um sussurro se expande.
E a densa legião de almas plenas de graça
Acorre curiosa e se debruça e esvoaça,
P'ra melhor distinguir a marcha heróica, grande!
Então, o bom S. Pedro, o santo venerando,
Que por mando divino é dos céus o porteiro,
Gritou: «Chamai Flambeau, o esperto granadeiro,
Para vos explicar o que se for passando».
Flambeau, que combateu e foi dos mais ousados,
Acerca-se atencioso, observa por momentos
E informa: — «Vão ali famosos regimentos,
A glória militar, indómitos soldados!...» —
Cavaleiros, então, avançam com ardor,
E ele anunciou: — «Desfilam os dragões!» —
Estremecem nos céu os aureos portões,
Que a voz do povo era um estrídulo clamor.
— «Mas isto nada é...», disse Flambeau atento
— «Olhai a artilharia!...» Em enorme alarido,
Reboam saudações, qual ciclone enfurecido,

Ascendendo em rajada até ao firmamento
E Flambeau continua: — «Isto não é nada!
Vereis melhor Senhor... Eis os aviadores!...» —
Regougam pelo espaço os potentos motores,
A ponto tal que a voz do povo é sufocada.
Flambeau proclama com enlevo: — «Os marinheiros!...» —
Desta vez o entusiasmo os mundos excedeu
E, cativado, o sol palmas de oiro abateu
Sobre os rijos heróis, que foram dos primeiros.

— «Agora, Senhor meu — disse Flambeau avante —
Vereis quando passar a nobre infantaria...
Tenho mêdo que o Sol estoire e finde o dia
E a noite eterna envolva a terra num instante.
Serão aclamações estrondosas torrenciais,
Vibrarão no azul qual doida trovoada,
Ver-se-à a multidão frenética, entusiasmada,
Delírio igual jámais se viu, jámais." —
Surgiram a seguir os homens das trincheiras,

Alpinos, caçadores e toda a infantaria.
Nas suas expressões claramente se lia
O martírio sofrido e angustiosas canseiras,
Quando o canhão, rugindo, a morte semeava,
Impávidos, no posto, assim permaneciam...
Era uma corte altiva, os tantos que ali iam,
Um grande, imenso, mar de heróis que ali passava.
Às quentes saudações que a multidão soltou
Silêncio se seguiu, silêncio e nada mais.
O espanto avassalou as regiões siderais.
E Flambeau, indignado, agreste se expressou
— «Assim os recebeis, ó crua, ingrata gente?!
Por vós riram da morte e a fome desdenharam,
Cansados de sofrer jámais o confessaram,
São de aço os que aí vão, tropa digna, valente!
Deveis-lhe orgulho, sim, a graça de viver,
E, em vez de os abraçar, calais-vos? Mal andais.
Franceses, ouvi bem: Sois rudes, sois brutais,
Tamanha ingratidão não tem razão de ser».
Mas mal termina a frase, olhando a terra, fica
Possuido de orgulho, o coração em festa...
Os infantes, semi-deuses, heróis de gesta,
Que a luz do sol poente envolve e magnifica,
Marcham erectos, viris, o olhar altivo e ousado...
Fremente, perturbada, a densa multidão,
Por um alto mandato ou estranha inspiração
Havia ajoelhado.

DIA DA FORÇA AÉREA

Teve lugar no passado dia 30 de Judho, com a realização dum festival aeronáutico, no Aeroporto de Pedras Rubras, na cidade do Porto, o Dia da Força Aérea.

O início do Festival, estava marcado para as 14,30 horas, e do programa constava:

— Demonstração das possibilidades do avião F-84.
— Exibicão da patrulha acrobática «Os Dragões».
— Ataque ao aeródromo por aviões F-84 do grupo de caça da Ota.

— Ocupação do aeródromo por Tropas Paraquedistas.
— Passagem final dos aviões F-84.
— Lançamento de Paraquedistas em queda livre.
— Aterragem dos Aviões JU-52.

As condições atmosféricas não deixaram, porém, que se cumprisse na integra o programa anunciado, e ocasionaram também, que o seu início fosse retardado para as 15,30 horas. Todavia, apesar destas contrariedades, o público que afluiu em grande número aquele aeroporto, não se dispersou.

Embora reduzido aos números possíveis de executar, cremos que este festival, deixou uma boa impressão no sentir de quem a ele assistiu, e que ficaram vincadas as possibilidades de que a Nação dispõe, numa parte da suas Forças Armadas — a Força Aérea.

Assistiram a este festival o Senhor Subsecretário de Estado da Aeronáutica e altas individualidades portuguesas e estrangeiras e... mais de 200.000 pessoas!

Transcrevemos seguidamente, os louvores conferidos ao nosso Batalhão, pelo Senhor Subsecretário de Estado da Aeronáutica, referentes ao Dia da Força Aérea:

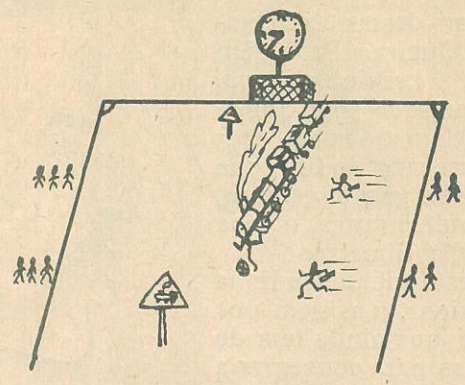
Louvados os Senhores Tenentes paraquedistas, Fausto Pereira Marques, Fernando Soares Cunha, António Rosado Serrano, e o 2.º Sargento paraquedista Manuel Coelho Gonçalves, todos do B. C. P., pelo elevado espírito de cooperação e entusiasmo com que voluntáriamente se ofereceram para a execução de saltos com paraquedas de abertura comandada e pelo espírito de decisão e galhardia que demonstraram no desempenho de tal missão, o que contribuiu em elevado grau para o brilhantismo das comemorações do Dia da Força Aérea e para o prestígio da Força Aérea.

* * *

Louvo todos os Oficiais, Sargentos e Praças Paraquedisias e, em particular, os que efectuaram lançamentos no Dia da Força Aérea, na cidade do Porto, pelo afoito, desembaraço, galhardia, aprumo, e disciplina que mais uma vez evidenciaram por forma exuberante, facto que, além de demonstrar o alto nível atingido pelo Batalhão de Caçadores Paraquedistas, contribuiu por forma notável para o prestigio da Força Aérea e das Forças Armadas.

VERDADES E MENTIRAS

não te rias, não faças troça!...



O Futebol, tem prioridade de passagem!... A qualquer hora

Numa sessão de saltos, trava-se o seguinte diálogo, entre um civil que nada conhece de paraquedismo e outro «armado» em conhecedor:
— É pá¡... Quantos paraquedistas saltam daquele avião?
— Um.
— Um!?... Então o avião só traz uma pessoa?
— Não, traz doze.
— Traz doze e... só salta um?
— É que os outros onze, são para o atirar fora do avião!

*

— Sabes Tomé, desde que li uns certos artigos sobre o perigo dos cigarros, nunca mais fumei um!
— Muito bem, Paulino, isso é que se chama força de vontade. Mas a sério que deixaste de fumar!?
— Sim, não fumo cigarros! Agora, só fumo cachimbo!...

*

Conversa entre um soldado do Serviço Geral e um cabo Paraquedista:
— O *nocho* cabo!... O *nocho* Capitão *diche* para *vomechê* ir lá a ele e *luvar* uma *inchada*.
— Mas qual nosso Capitão?
— *É nachei* o nome dele!... Olhe é aquele que *inchina* a jogar à bola
— E sabes para o que é?
— É para o *nocho* cabo ir *arrincar* ervas além para baixo.
— Apre!... E eu, que agora não posso ir porque estou contratado para cavar durante oito dias, ali ao pé da torre.

Aproxima-se o nosso Alferes. Tudo se perfila.
— Tu, ó pá, anda cá!
Nenhuma pá se mexeu, como é de crer.
— Você ó nosso cabo paraquedista!...
Então tudo foi, pois não estavam ali senão... cabos.

*

No alfaiate:
— Ó mestre, quanto me leva por virar este dolman?
— Oitenta escudos, amigo.
— E as divisas?
— As divisas, eles que lhas virem. (O freguês era Furriel...).

*

ANÚNCIO:
«Dão-se cinco tostões «furados» a quem inventar impermeáveis invisíveis que serão muito úteis para as sessões de ginástica debaixo de chuva. Igual quantia ao inventor de sapatos anfíbios, à prova de «poças de água».

*

Por questão de hábito, alguém na feira da Golegã, travou o seguinte diálogo com um vendedor de cavalos:
— Quanto custa um cavalo dos bons?
— Vinte e cinco contos.
— E se for a prestações?
O vendedor ficou de cara à banda.

*

Propomos:
— Que seja nomeado mais um clínico «especialista» para o Batalhão, para tratar do rádio do automóvel dum Sr. Oficial, que está atacado de bronquite.
— Que no mapa se anuncie, o Poligono de Tancos, como «ZONA TÓRRIDA» no período de verão e «ZONA ÁRTICA» no período de inverno.

CAMPEONATOS DESPORTIVOS DA FORÇA AÉREA

No dia 23 de Junho, no Estádio Universitário, em Lisboa, com as finais das provas de Atlestimo, terminaram os Campeonatos Desportivos da Força Aérea. Ao festival que se realizou, assistiram os Srs. Subsecretário de Estado da Aeronáutica e Exército.

Foram entregues às equipas vencedoras as taças correspondentes aos torneios a que concorreram. Este festival encerrou com uma formatura geral das equipas das Unidades, acompanhadas dos seus guiões.

O nosso Batalhão, concorrendo pela primeira vez, obteve as classificações que damos a seguir:

Atletismo: 100 metros: — 2.º Marvão (B.C.P.).
Tiro de Espingarda de Guerra: 6.º — (B.C.P).
Tiro de Pistola de Guerra: 3.º - (B.C.P.).
Tiro aos Pratos: 1.º — (B.C.P.).
Peso: 2.º — Quinteiro (B.C.P.).
Basquetebol: 4.º — (B.C.P.).
Andebol: 10.º — (B.C.P.).
Voleibol: 4.º — (B.C.P.).

Promoções

Pela O. S. de 12 de Junho, foi promovido ao posto de 2.º Sargento, o Furriel;

António Augusto Baptista Cardoso

Os parabéns do «...SALTA!».

DESASTRE DE AVIAÇÃO

Em 2 de Junho, uma avioneta «Tigger» do Aéro Club de Portugal chocou contra o solo, em Magoito, próximo da Granja do Marquês.

O acidente ocasionou a morte do Sr. Duarte Peixoto da Silva e graves ferimentos no Tenente Paraquedista Morais Simões que nela seguiam.

O Sr. Peixoto da Silva conquistou a nossa estima pelo seu companheirismo e por isso lamentamos mais a sua morte.

Ao Sr. Tenente Simões desejamos uma bem sucedida convalescença e que volte em breve para o nosso lado a dar-nos o prazer da sua camaradagem.

"Vida Elegante"

Apesar dos avisos e prevenções de que a vida está cara, continuamos a ter de mencionar novos «casos» de enlace matrimonial.

Fazêmo-lo com prazer:

Em 4 de Maio, o 2.º Sargento Manuel da Silva Faria com D. Maria Emília Rodrigues.

Em 20 de Abril, o soldado Joaquim José Gomes com D. Laura de Jesus Marques.

Para os dois novos lares, desejamos muita felicidade.

Os nossos poetas

Versos quase ao sol-por

Foi quase ao sol-por, ambiente quase estático
Uma flor inda mal Desabrochada
Debruçava-se no rio quáse quieto.
E na meia penumbra do meu desenho aquático
A brisa mal bulia a flor quase parada
A sombra quase branca de um abeto.
Um rouxinol cantou quase a medo,
No mistério romântico da meia luz serena
De arrancar à quietitude o seu segredo.
E eu, embevecido, quase escrevi um poema...

Guilherme Ferraz

Inútil

E tudo que ficar na curva do caminho
que a nossa vista não alcança já;
o talher à mesa que ficou sózinho,
frente ao lugar vazio de quem não voltará.
No vaso da varanda a planta que murchou
e a cruz de madeira partida na campa esquecida...
tudo, tudo a lembrar-me de ontem, do que já passou
e da sensaboria estúpida da vida!

Guilherme Ferraz

Soldado Paraquedista

FRANCISCO ANTÓNIO LAMEIRAS MARMELEIRO

Em 21 de Maio, quando se realizava um exercício de transposição de cursos de água, no rio Tejo, pereceu afogado este nosso camarada.

Apesar de pouco tempo que prestou serviço entre nós, as suas qualidades eram por todos apreciadas.

As condições em que se deu o trágico acidente contribuiram também para fazerem ainda maior a nossa consternação.

* * *

Paraquedas! Se te abres lutarei pela minha Pátria. Se Deus não quer que assim seja, terei o orgulho de morrer por Ela

(*Continuação da página 1*)

traje — é factor indispensável do triunfo pessoal.

A cultura vasta e bem orientada é hoje o principal factor que permite ao indivíduo impor-se como homem de valor. Ela deve ser um dos objectivos do esforço de quem não se constitui em excepção ao humano desejo de progresso.

Cabe referir o exemplo dado por paraquedistas presentes na nossa Unidade.

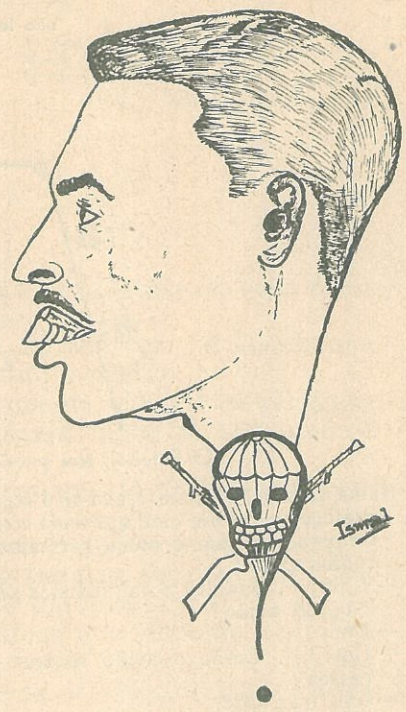
Todos devemos louvar e apoiar os que dedicam à sua cultura e especialmente os que concretizam essa dedicação seguindo um curso que será o trampolim para ambições mais altas.

Muitos deles, pelas obrigações do serviço a pela magreza do vencimento, gastam este quasi todo e ocupam cada uma das horas livres para conséguirem ir obtendo os graus sucessivos do «seu» curso. E vão-no conseguindo.

Eles estão gastando tempo e dinheiro. Gastando e não perdendo. Mais tarde ou mais cedo, colhe-se o fruto do que se gasta e não se perde.

Fernando Soares Cunha
Tenente paraquedista

AS NOSSAS FIGURAS



Calou!... Calou!... Calou!...

Todavia, apesar destas exclamações eu vou falar. Queira a Providência que não perca pela minha lingua, pois costuma dizer-se: «pela lingua perde o peixe». Alèm do mais, meto-me com o encarregado do tiro, que poderá atingir-me sem grande esforço, devido à sua grande prática, a uma distância de 1·000 milímetros.

Dizem que é descendente em linha recta dos San «Paios», mas nem por isso é gordo. Será que ainda tem de memória as receitas para conservar a linha, desde os tempos em que estudou medicina? Não faço ideia; pelo menos às vezes fala neles. Poderá ser ainda, que degenere da sua velha «linhagem»!...

Do seuíntimo, quase nada conheço; no entanto, tem escrito sobre camaradagem, o que é já uma grande coisa.

Para continuar com a minha descrição, procurei os seus velhos pergaminhos na torre do «trambolhão». Porém, nada pude obter, devido, segundo me informaram, a terem sido perdidos no fundo do mar dos «Sargaços» com uma nau de piratas.

Pena tenho, de não ter dados para continuar, restando-me sòmente, desejar-lhe boa sorte e ... Bons Saltos!...

Claudino Ferreira

Uma iniciação no «Terrivel» Rugby

Embora o que vou narrar não seja história, façamos um pouco de romance e comecemos por... Era uma vez, um indivíduo de 18 anos de idade, 1,63 de altura, 60 Kilos de pêso que foi convidado a assistir a um desafio de Rugby entre a «malta» de Medicina e de Agronomia. Era uma homenagem a um homem de cinquenta e tal anos de idade presentemente e que... ainda joga Rugby.

Faltavam uns minutos para o encontro começar e esse «senhor» lá estava sentado nas bancadas do Benfica, aguardando o início dum match que ele nunca vira mas de que ouvira falar... e de que maneira!

De repente tudo mudou —um colega dele aproxima-se e diz-lhe: vem-te equipar pois falta um para entrar em campo.

O terror foi tal, que começou a fugir à volta do campo, mas o amigo (se é que isso se lhe pode chamar) não o largou. E como qualquer condenado que vai para a forca, equipou-se demorada e meticulosamente e lá foi para o que ele julgava ser o campo de batalha.

Por mero acaso achou-se duas vezes com o melão, nas mãos, correu — talvez a fugir de quem o perseguia — fintou, parou um sem fim de vezes e conseguiu marcar — ou melhor disseram-lhe para marcar — um ensaio, pois ele estava com a bola nas mãos sem saber que destino lhe dar e... no fim do campo!

Daí em diante entusiasmou-se e começou a jogar como ele pensava que fosse: vale tudo menos tirar olhos e mesmo esses às vezes!

Explicaram-lhe que não, como era. E foi assim que este vosso amigo Aspirante Médico começou a praticar a modalidade desportiva mais completa que conhece.

Durante os tempos de escola e liceu tinha praticado o Volley, o Futebol e o Basket, sempre receoso e muitas vezes com deslealdade. — Naquele, tudo como por encanto se transformou.

Há que ser «geniquento»; rápido de pernas e pensamento; leal. Portanto quem o pratique com vontade, trabalha desde o músculo até à massa cinzenta do cérebro.

Talvez tenha a vantagem sobre outros desportos, de não ter tanta assistência clubista. É uma modalidade considerada pobre, e o adepto não perde tempo.

Nós o jogamos, sobretudo como aficionados do Rugby, do «melão», não do clube A, B, ou C, e com a família «rugbista». Assim, desde há anos sempre em contacto adquire-se uma amizade que não admite deslealdades. Os que as fazem são conhecidos, são os mesmos que as faziam aos colegas de qualquer modalidade ou até profissão.

Não é um desporto fácil, mas, quanto a mim, é o melhor.

O título de «terror» vem da ideia que há do futebol americano. De certo quase todos o conhecem do cinema. «Matulões» de quase dois metros, vestidos e protegidos dos pés à cabeça, como se fossem para uma batalha. Não. O Rugby joga-se com equipamento mais aligeirado, sem protecções especiais. Claro que eles que assim vão, algumas razões têm.

A diferença fundamental é que no futebol americano qualquer elemento que possa intervir na jogada pode ser agarrado para que dela se afaste. No Rugby só o indivíduo que conduz a bola pode ser placado. Assim, como é de calcular, tem de ter olho vivo e pé ligeiro.

Outra regra básica: Não passar a bola para a frente com a mão e, para que isso não aconteça nenhum jogador ultrapassa o que conduz a bola antes deste lha passar.

Para contrariar as más intenções, não se podem fazer jogos de luta nem dar rasteiras.

Enfim, quase se chega à conclusão de que é um desporto «meigo». Mas isso também não. Pensa este vosso amigo que o Rugby é um jogo para Homens, com H grande na escrita — porque no tamanho podem ser pequenos. Eu a defender-me!

HENRIQUE SOUDO

Um paraquedista com medo do espaço

LONDRES — *Do nosso enviado especial, em data que não podemos precisar.* — O soldado pára-quedista William L. Bisset chegou ao campo de Aldershot, em Inglaterra cheio de entusiasmo. Dedicou-se aos treinos com ardor. Exercícios de treino no solo e de dobragem do pára-quedas, saltos do alto da torre com abertura automática, tudo se passou maravilhosamente.

Depois fizeram subir o soldado pára-quedista William L. Bisset num avião para o primeiro salto a sério. Quando o aparelho chegou à altitude adequada, o sargento instrutor abrin o alçapão e, com os seus rugidos tão caracteristicamente britânicos, convidou os recrutas a saltar. Todos passaram sucessivamente pelo alçapão—todos, salvo o soldado pára-quedista William L. Bisset. O sargento gritou mais forte:

— Vamos! Salte!

—Nunca!—respondeu com uma energia feroz o soldado pará-quedista William L. Bisset.

O diálogo prosseguiu alguns minutos no mesmo tom.

O sargento bem pensou agarrar o recalcitrante pela gola e precipitá-lo no espaço; mas o soldado pára-quedista William L. Bisset, de estatura atlética, não parecia lá muito disposto a consenti-lo.

O avião regressou ao solo com o sargento e o soldado a bordo. William L. Bisset teve de explicar-se com o seu capitão.

— Tenho medo do espaço! — disse o soldado — Acabo, precisamente, de perceber isso! É-me impossível dominar a minha apreensão! Peço que me seja dada a transferência para uma unidade puramente terrestre!

O capitão limitou-se a mandá-lo submeter a um conselho de guerra. O seu medo invencivel do espaço custou ao soldado pâra-quedista William L. Bisset oitenta e quatro dias de prisão. O soldado, porém, não ficou calado: bombardeia os seus superiores com requerimentos à fim de ser transferido para a Infantaria. — *Apostamos que é «peta»!*

As santinhas da minha terra

(Presenciado por mim no dia 32 do mês que vem no ano de mil nove e troca o passo).

Eu não sei se algum dos senhores conhece a Elvira do Policarpo. Apre! Pode haver criatura com mais elegância, mas com tanto sainete, peço licença para não acreditar. Basta a gente olhar para ela, com olhos de ver, para ficar zangado da perfeição do seu corpo comprido, delgado, onde dois olhos negros como carvão, brilham como faróis dum automóvel. Dum automóvel? Dum autocarro! Ela também na praça, já por duas vezes que esteve à beira de ganhar o campeonato das raínhas, ou lá o que é. Se não ganhou, foi pelo menos princesa. Parece, segundo se diz à boca pequena, ter havido batota nas eleições. Quem arranjou toda aquela estrangeirinha foi o sogro do Palhinhas, que à viva força queria que a afilhada fosse a vencedora, a Bonifácia, uma deslambida, uma provocadora e com lingua de palmo e meio. Credo! Podia lá comparar-se uma com a outra!... A Bonifácia era capaz de fazer andar a serra da Estrêla no rigor do inverno por via de qualquer mexerico.

Ainda o ano passado, no arraial, só porque a Chica lhe chamou «sonsa», pespegou com um prato de arroz doce nas ventas da criatura, que até meteu gritos de «ó da guarda»! Felizmente, na ocasião, a polícia não andava por ali e não pôde, por isso, tomar conta do desacato.

Claro que hoje já caíram nos braços uma da outra, e são unha com carne, sempre muito chegadinhas, a segredarem e a inventarem pic-nics na praia. Até o ano passado tomaram banho, até ao tornozelo, que foi um escândalo, com as saias subidas e as pernas à mostra. Ora a Elvira, quando soube da grande paródia, em que as duas andavam metidas, mostrando o pernil — (cabos para sombrinhas) a toda a gente que vai decentemente, para a praia apenas para se embebedar com ordem e boa educação, — fez uma propaganda na praça, contando a toda a gente a linda figura que as outras andavam a fazer. E como quem conta, exagera e acrescenta um ponto, não se sabe como, na tenda do Jeremias, já se dizia que as raparigas tinham andado mas só com o fato de banho. O que foste dizer! Ólarila! Aquilo, por portas, travessas e esquinas, veio a seber-se da intrigalhada e houve até «chelique»!

— Mas afinal—disse a Elvira—Por que razão é que elas dão por pau e por pedra? Ora as santinhas! Se calhar é a primeira vez que elas vão passear de bote com os namorados! Ih! Senhores! Foi o bom e o bonito. Tiveram uma discussão tão grande, disseram às outras, e juraram e rejuraram uma zanga para toda a vida!

Aqui para nós, até dizem que a Deolinda, certa manhã, quando assoprava uma pescada para ser mais gorda, e deu com os olhos na Elvira, que passava, feita serigaita, a bambolear-se nas tamanquinhas de verniz, atirou um escarro, que ia, salvo seja, acertando aqui, no olho.

A Elvira não gostou. Não era merecedora disso. Podiam muito bem fazer as pazes, pois na verdade, «criaturas de educação» — e não há nada mais bonito no mundo do que a educação! — escusavam muito bem da andarem metidas em sarilhos!

Porque, sinceramente, se a Elvira quizesse, bastava tirar o nome de três testemunhas, enrolar aquilo em papel selado e pespegar com tudo num Doutor advogado, que era freguês do sen lugar, para a outra ver-se metida em ferros!

Não se faz assim uma ofensa a uma criatura sã só por via de andar de ventas torcidas e com ciumes.

Ambas, afinal gostavam do filho do Palhinhas, meio caixeiro no armazem do pai. E por coincidência, a ambas ele se afazia ao piso, sem que uma soubesse da outra. Mas no Domingo passado, no baile do «31» que por ter ficado adiado, só se realizou em Janeiro, quando se descobriu a marosca, as raparigas deram por paus e pedras e iam-se engalfinhando com puxões de cabelo. Não valera a pena, afinal: o filho do Palhinhas resolveu casar, dum dia para o outro, com uma prima que vendia galinhas. E como toda a gente diz que ele foi ao cheiro dos vinténs dela, pois tem mais trinta anos do que ele, a coisa serenou apenas com um apelido para o D. Juan, — o «pilha galinhas».

E ele, quando soube disso, atirou: — Pois sim! «Pilha galinhas»! Mas a mim é que elas não me pilham!

Eis a razão porque o filho do «Palhinhas» anda agora endinheirado e cheio de proa com os vinténs da prima.

Tomé Dias

O CREDOR

O credor aparece quando menos se espera.

Barafusta, bate o pé, ameaça-nos com o tribunal e com a cadeia. Assusta-nos, atemoriza-nos, a tal ponto, que nós, que pouco sabemos da vida, vamos pôr os fatos e a mobília no prego, tudo no prego, para que o credor se retire e desapareça da porta.

No entanto, o credor não é uma invenção moderna. Já na antiga Roma os havia. Já nessa época abundava tal espécie humana, — — se é que humana se lhe pode chamar.

Parece impossível, mas o credor era mais feroz que actualmente, tinha sobre o devedor direito de vida e morte.

Nas casas de prego, chegaram até a ter prisões privativas. Com o andar dos tempos, porém, humanizaram-se as dívidas. No século XIX, século das revoltas sociais, o credor não teve outro remédio senão passar para segundo plano. Se queria que lhe pagassem, tinha que esperar. Ás vezes cansava-se de esperar e morria. Mas, depois da última guerra, como a humanidade ficasse mais «tesa» que um «carapau» (refiro-me à tesura algibeiral) todos começaram a comprar fiado. Surge uma nova era de crédito. O devedor passa a ficar nas garras do credor. E o credor, figura apagada, surge agora gigantescamente como um «satã» sombrio que assalta a empenhada humanidade.

Lá vem ele, envolto na sua luxuosa samarra de peles, batendo o tacão no alcatroado de fronte exibindo o horrendo recibo de cem, duzentos e quinhentos «palhaços»!...

Lá vem!... Lá vem ele!... E com o andar dos tempos, talvez que o credor venha a ter (como na Roma antiga) direito de vida e morte sobre o devedor. Se isso acontecer, ai de mim, que nem ossos me ficam.

Termino aqui, leitor, tenho que acabar. Chamam-me à porta de armas, está lá um senhor à minha procura. *Vou ver quem é!!!*.

JOÃO C. BELCHIORINHO

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraquedista

Director e Editor

Tenente Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

Composto e impresso na

Tipografia Mercado Filatélico

Ano I — Maio-Junho — Nos. 9-10 — 1957